

Bons Momentos.

DiVaM

DINAMIZAÇÃO
E VALORIZAÇÃO
DOS MONUMENTOS

DiVaM 2017
Lugares de Globalização

DO SABER AO FAZER: BIOEXPERIÊNCIAS ROMANAS NO LABOR E NO ÓCIO

Núcleo Museológico da *Villa Romana de Milreu*
24 de Setembro e 1 de Outubro 2017



Ficha técnica:

- **Coordenação do Projeto:** Cristina Veiga-Pires, Doutora em Ciências do Ambiente, Diretora executiva do Centro Ciência Viva do Algarve
- **Conceção e dinamização do Projeto:** Centro Ciência Viva do Algarve
- **Equipa técnica:**
 - CCVAlg:**
 - Ana Colaço (Coordenadora Pedagógica/ Professora destacada do 1.º Ciclo)
 - Emanuel Reis (Coordenador Administrativo e da Equipa / Bolseiro para a Gestão da Ciência e Tecnologia, Doutor em Ensino e Divulgação das Ciências)
 - Miguel Rodrigues (Coordenador Científico / Professor destacado de Biologia 2.º/3.º Ciclo)
 - Vaiva Kisauskarė (Voluntária SVE Erasmus +)
 - Jéssica Martins (Estagiária do Curso de Património Cultural e Museologia da UAlg)
 - Hugo Rodrigues (Estagiário do Curso de Património Cultural e Museologia da UAlg)
 - Barroca - Produtos Culturais e Turísticos**
 - Susana Calado Martins (Mestre em História do Algarve)
 - Marco António Santos (Técnico Superior de Património Cultural)
 - Carlos Alexandre Belletti (Estagiário da Universidade do Vale de Itajaí, Santa Catarina, Brasil)
 - Requinte Turquesa:**
 - Maria Luísa Francisco (Mestre em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos pela Universidade Nova de Lisboa)
 - DRCAlg:**
 - Cristina Garcia (Doutora em Património Histórico e Cultural)
- **Consultores UAlg**
 - Amadeu Brigas (Doutor em Química, Prof. Dep. Química e Farmácia)
 - Sónia Talhé Azambuja (Arquiteta Paisagista, Profª. Dep. Ciências da Terra, do Mar e do Ambiente)
 - Paulo Fernandes (Doutor em Geologia, Prof. Dep. Ciências da Terra, do Mar e do Ambiente)
 - Ana Paula Gomes da Silva (Arquiteta Paisagista, Profª. Dep. Ciências da Terra, do Mar e do Ambiente)
- **Colaboradores**
 - Pedro Marcelo
 - Ugo Laizé
- **Apoios**
 - Direção Regional de Cultura do Algarve
 - Direção Regional de Agricultura e Pescas
 - Barroca - Produtos Culturais e Turísticos
 - Requinte Turquesa - Eventos & Serviços
 - Canastra - mercearia Especializada



A iniciativa

A *Villa* de Milreu é um exemplo do modelo de ocupação romana da região da *Iberia*, centrada na exploração dos recursos agrícolas, marinhos e na produção de bens alimentares, que eram exportados por via marítima para os portos do Império.

É já o terceiro ano que o Centro Ciência Viva do Algarve traz “bioexperiências” às ruínas de Milreu, um conceito que pretende proporcionar aos participantes a possibilidade de vivenciar de forma prática a cultura e costumes do Algarve Romano à luz de um enquadramento científico, mas informal e lúdico.

Dado o sucesso dos anos anteriores, recuperamos e reformulamos algumas das atividades já realizadas, mas segundo um novo enquadramento.

Assim, após viajarmos “Do saber ao sabor” e “do saber ao bem estar” na era romana, o mote para este ano é “Do saber ao fazer”.

Dado que “fazer” foi algo que claramente caracterizou a sociedade romana, sentimos a necessidade de abordar a temática ao longo de dois dias, explorando o “fazer” no âmbito do “labor” no primeiro dia (24 de setembro) e do “ócio” no segundo (1 de outubro).

Ambos os eventos “**Do saber ao fazer**”: **bioexperiências romanas**” são realizados no âmbito do programa DiVaM 2017 e das Jornadas Europeias do Património 2017. Esperamos que passe bons momentos connosco em Milreu!





Dias 1 e 2: “Do saber ao fazer”: uma bio-experiência romana:

Apresentação do evento, do local e sua contextualização histórica

(por Cristina Garcia)


Local: Entrada do Núcleo Museológico

Breve apresentação geográfica e histórica de Milreu.

Apesar do nome Algarve ter origem, marcadamente Árabe (de "*al-Gharb al-Ândaluz*", ou seja, o ocidente do al-Andaluz), outros povos (fenícios, gregos, cartagineses, romanos) estiveram presentes e edificaram povoados nesta região, atraídos pela localização estratégica para o comércio e pelas condições favoráveis às atividades de subsistência (agricultura, pesca...).

A Villa de Milreu, uma dos mais notáveis villae do Império Romano do sul de Portugal, posta a descoberto por Estácio da Veiga em 1877, foi fundada no século I d.C. no sopé da Serra do Monte Figo, junto de Estoi, cuja riqueza natural em nascentes de água e a proximidade do monte deverá ter sido determinante na escolha do lugar de edificação. A edificação de um Templo no séc. IV d.C. dedicado ao culto da água reforça a importância das nascentes naturais de Estoi. A Villa Romana de Milreu localiza-se a cerca de sete quilómetros da antiga Ossonoba romana (Faro), sabendo-se que no tempo do Império existia uma via romana que ligava a villa romana de Milreu e Ossonoba. Ao longo da sua rica história Milreu está frequentemente associada à cultura da vinha e do olival.

O Núcleo Museológico integra também uma casa rural de contrafortes cilíndricos erguida entre os séculos XVI e XIX d.C. sobre as divisões da antiga casa romana e que é representativo da evolução da arquitetura rural da região.



Dia 1: “Do saber ao fazer”: uma bio-experiência romana no ócio

I – Pintura em Revestimentos em Cal

(por Susana Calado Martins - Barroca, produtos culturais e turísticos)

Local: Junto ao ponto de água

Oficina de pintura decorativa com tintas de cal e pigmentos minerais, inspirada nos elementos da época romana presentes em Milreu



Pintura sobre cal

No Algarve, os testemunhos históricos da utilização de cal e da sua indústria de produção remontam, pelo menos, até à época romana e dão conta de uma permanência sistemática no território até meados do século XX.

Esta longa cronologia pode inscrever-se numa tradição milenar, proveniente de uma herança mediterrânica e potenciada pela circulação de conhecimentos e ideias, ou pelos contactos entre vários povos. Na realidade, embora não se possa negar que a tecnologia de produção e as possibilidades de aplicação da cal fossem já conhecidas em épocas anteriores, é da presença romana neste território que possuímos informações mais seguras, através de vestígios arquitetónicos e arqueológicos, que denunciam a presença deste material na composição de argamassas de construção.



Pigmentos para pinturas com cal

As condições naturais bastante favoráveis – com abundância de matéria-prima (calcário) e combustível (lenha de matos e árvores), em quantidade e qualidade suficientes – permitiram a edificação de centros urbanos ou de *villae*, de que é exemplo o sítio de Milreu entre outros conhecidos no Algarve. Estes locais testemunham a presença da cal em argamassas de ligação na construção dos diferentes edifícios e equipamentos, mas também em argamassas mais finas e delicadas, destinadas a revestimentos e decorações. A cal foi também um importante suporte para as manifestações artísticas, como elemento base das massas onde assentavam os belos mosaicos constituídos por pequenas tecelãs, mesmo enquanto “tela” para a elaboração de pintura mural.

Grande parte da pintura mural desta época foi realizada a fresco, uma técnica que requer a execução de camadas de reboco de cal de diferentes texturas até chegar à final, mais lisa e fina, onde será desenhado e pintado o motivo, enquanto esta ainda se encontra fresca. As tintas – normalmente confeccionadas à base de cal e de pigmentos minerais – penetram neste suporte e secam ao mesmo tempo que o reboco, promovendo efeitos e cores de maior qualidade e resistência. No final pode ser aplicada uma camada de finalização, de modo a formar uma película suplementar de fixação do reboco e da cor.



II – Recursos marinhos representados nos mosaicos de Milreu

(por Miguel Rodrigues, CCVAIlg)

Local: tanque das termas, templo e corredor do peristilo

Interpretação dos ecossistemas da época recorrendo à identificação das espécies marinhas representadas nos mosaicos de três das áreas de Milreu.



Representação de ouriço do mar em mosaico (foto: Luís Bentes)



Representação de peixe em mosaico (foto: Luís Bentes)

Estes mosaicos, que revestem os muros do templo dedicado às divindades aquáticas mas também o solo da galeria este do pórtico do peristilo e as paredes de um pequeno tanque das termas, representam uma diversidade de seres marinhos incluídos em, pelo menos, três filós do Reino Animal.

No entanto, a estilização e a diferente qualidade dos *mosaivistas* que realizaram estes impressionantes mosaicos, implica também algumas diferenças na representação de animais da mesma espécie e uma dificuldade acrescida na sua identificação.

Assim, diferentes estudos identificam o mesmo motivo como espécies diferentes, havendo ainda espaço para discussão sobre a diversidade biológica presente nestes painéis.

Por outro lado, é possível inferir que espécies marinhas seriam mais abundantes na época ou, pelo menos, quais as que seriam mais conhecidas e mais importantes para a economia local.



Parte de mosaico de Milreu (Foto: Luís Bentes)

Contrariamente ao que seria de esperar, os peixes não constituem um tema muito frequente nos mosaicos romanos do Algarve. Ainda assim, podem produzir pistas importantes sobre a mentalidade da época e, em particular, sobre o abastado dono desta propriedade.

Qual seria o motivo da escolha destes temas para locais tão conspícuos dentro da área da *villa*? As principais atividades económicas e itens comercializados pela família? Um gosto pessoal? A sua religiosidade pagã em confronto com o início do domínio da religião cristã?



III - Processos de produção de ingredientes da gastronomia romana

(por Emanuel Reis - CCVAlg)

Local: Casa rural

Demonstração e explicação de processos de produção de alguns ingredientes da dieta alimentar romana e dos princípios científicos em que se fundamentam.

Conhecedores das propriedades do mel, os romanos utilizavam já colmeias, de forma a garantirem o acesso a este produto que muito apreciavam na culinária.

As colmeias romanas porém eram muito diferentes das atuais; eram colmeias com forma tubular sendo incrustadas nas paredes. No Algarve foram encontradas algumas colmeias deste tipo em escavações, nomeadamente na zona do Martinhal, em Vila do Bispo.

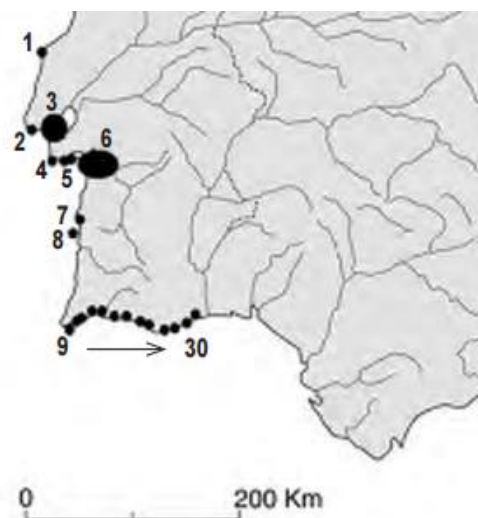


Colmeias romanas do Martinhal

O sal era também extremamente importante na época romana, sendo usado tanto como condimento nas refeições, como em processos de conservação por salga. Os romanos obtinham o sal principalmente por evaporação da água em cetárias, mas também o faziam recolhendo-o em cavidades naturais na beira-mar.

As cetárias, tanques de pedra normalmente retangulares, eram também usadas no processo de salga, bem como no fabrico de molhos e preparados de peixe. Um desses preparados era o *garum*, um condimento obtido a partir das vísceras de peixe e de outras partes selecionadas do atum ou da cavala, misturadas com peixes pequenos crustáceos e moluscos esmagados. As

vísceras eram deixadas em salmoura e ao sol durante cerca de dois meses ou então aquecidas artificialmente com certas espécies vegetais, até que se formasse um exsudado. O *garum* era extremamente apreciado pelos romanos.

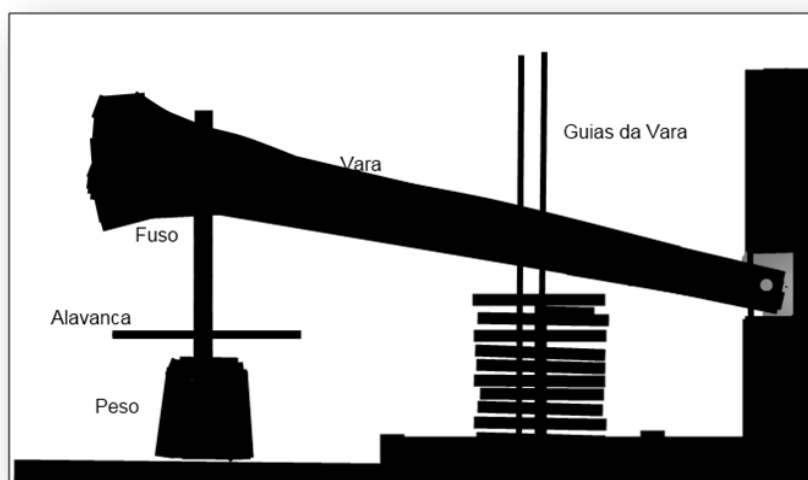


Legenda: 1 - Peniche (?) - notícia não confirmada. 2 - Cascais. 3 - Grande concentração na zona do estuário do Tejo: Casa do Governador da Torre de Belém e as diversas unidades do subsolo de Lisboa, na margem direita; Porto Brandão e Cacilhas, Almada, na margem esquerda. 4 - Creiro, Setúbal. 5 - Rasca, Setúbal. 6 - Grande concentração na zona do estuário do Sado: Comenda, subsolo de Setúbal e Tróia, Grândola. 7 - Sines. 8 - Ilha do Pessegueiro. 9 - Beliche, V. do Bispo. 10 - Ilhéu da Baleeira, V. do Bispo (?). 11 - Salema, V. do Bispo. 12 - Boca do Rio, V. do Bispo. 13 - Burgau, V. Bispo. 14 - Senhora da Luz, Lagos. 15 - Lagos (inclui as várias unidades do subsolo da cidade e a da Meia Praia. 16 - Vau, Alvor. 17 - Portimões, Portimão. 18 - Baralha 2, Portimão. 19 - Ferragudo, Portimão. 20 - Armação de Pêra. 21 - Cerro da Vila, Loulé. 22 - Quarteira. 23 - Loulé Velho, Quarteira. 24 - Quinta do Lago, Loulé. 25 - Faro. 26 - Olhão. 27 - Quinta de Marim. 28 - Torre de Aires, Quinta das Antas. 29 - Quinta do Muro, V. Real de St. António. 30 - Cacula, V. Real de St. António.

Cetárias romanas referenciadas no sul de Portugal

Quimicamente, o principal constituinte do *garum* é o monoclamato de sódio, substância ainda hoje é usada pela indústria alimentar como um potenciador de sabor. Há indícios que o *garum* produzido no território Algarvio fosse exportado para outras zonas do império no interior de ânforas, semelhantes às usadas para transportar vinho.

Aliás os romanos também cultivavam videiras e produziam vinhos em lagares. Nas ruínas de Milreu existem vestígios de um lagar do tipo lagar de varas, observável no interior da casa rural do tipo lagar de varas. A *Villa* de Milreu possuía também lagar para a produção do azeite.



Estrutura de um lagar de varas



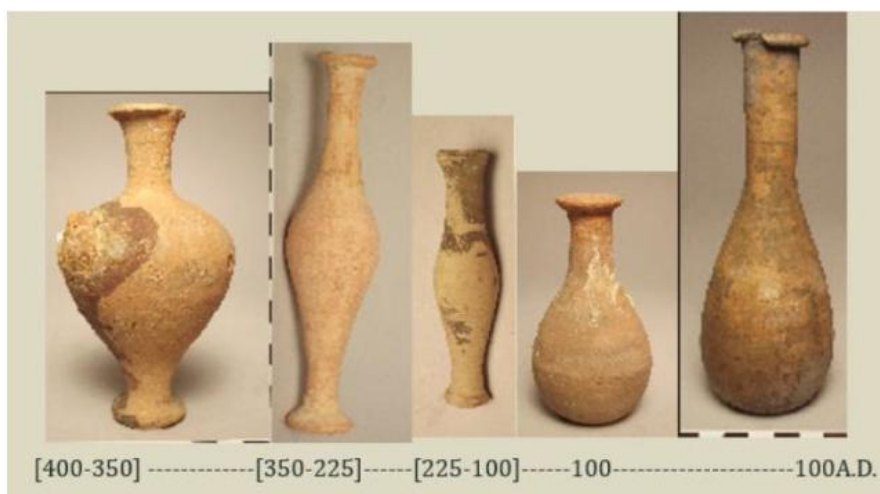
IV – Processos de produção de unguentos usados no mundo romano

(por Amadeu Brigas - UAlg)

Local: *Triclinium*

Demonstração e explicação dos processos e princípios associados à produção de unguentos no período romano

Os unguentos e os unguentos perfumados eram artigos de luxo que gozaram de grande popularidade quer entre homens e mulheres do império Romano.



Recipientes cerâmicos romanos destinados ao armazenamento de unguentos.

Os melhores unguentos podiam ter uma composição extremamente elaborada, sendo comercializados a preços muito elevados. Num período em que um trabalhador agrícola recebia um salario de 25 dinares ao dia, alguns destes materiais poderiam atingir preços de dois dinares por grama.

Estes preços estavam por isso ao alcance só de indivíduos de classes muito privilegiadas.

Os centros de produção romanos deste tipo de produtos situavam-se normalmente próximos de locais onde cresciam ou eram comercializadas as ervas aromáticas e flores necessárias para a produção destes produtos.

Um dos unguentos mais comuns na época romana era usado para higiene pessoal. Tratava-se de um tipo de creme, utilizado como sabão e obtido pela mistura de água, cinzas e uma gordura (azeite).

A adição de cinzas destinava-se a dar ao unguento propriedades esfoliantes.

Unguentos eram também habitualmente usados em massagens, muito apreciadas pelos cidadãos romanos como está documentado nos relatos de Plínio, o velho (um dos mais importantes naturalistas romanos). Plínio submetia-se regularmente a fricções para aliviar sua asma.



Decoração da casa dos Vetii, em Pompeia, Itália, que evidencia o processo de preparação e comercialização dos perfumes e unguentos romanos.





Dia 2: “Do saber ao fazer”: uma bio-experiência romana no ócio:

I - Experiência de sabores (tisanas e infusões)

(por Maria Luísa Francisco – Requite Turquesa)

Local: *Triclinium*

Prova de tisanas e infusões num *triclinium* romano

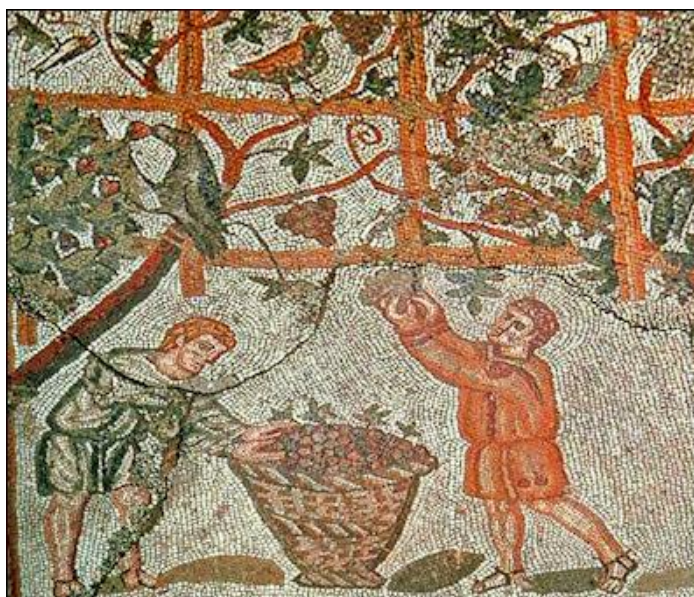
Depois de conhecer as plantas existentes nos canteiros, haverá a possibilidade de provar algumas infusões de plantas e conhecer mais sobre a história dessas mesmas plantas, desde os romanos até hoje. O alecrim, o tomilho e a salvia poderão abrir o apetite para histórias de outros tempos num fim de tarde de Outono.

Sabia que todo o chá é uma infusão, mas nem toda a infusão é um chá? Na realidade, o chá é uma bebida preparada através da infusão de folhas, flores e raízes da planta do chá *Camellia sinensis*, sendo uma das bebidas mais consumidas em todo o mundo, na atualidade. Usando todas as outras ervas e plantas medicinais que conhecemos e que fazem parte do nosso dia-a-dia, preparam-se infusões ou tisanas, como cidreira, tília, camomila, menta, violeta, alecrim, tomilho, entre outras.

E qual a diferença entre infusão e tisana? A infusão consiste em verter água quente sobre plantas, com o intuito de lhes extrair substâncias activas. Uma tisana é o líquido obtido pela fervura mais ou menos rápida das plantas sendo depois coado e filtrado. As infusões e as tisanas eram vistas como um potenciador da desintoxicação, ajudando o organismo à sua purificação durante o jejum.

De acordo como entendimento romano o organismo humano tem também o instinto natural para jejuar, tal como outros animais. Como o corpo estaria num processo de autolimpeza, a utilização de ervas com efeitos intensos de

eliminação não seria necessária, pelo que a ingestão de desintoxicantes suaves e diluídos seria mais adequada.



Mosaico romano com cena de vindimas

O vinho era sem dúvida a bebida preferida no Império Romano, sendo geralmente bebido diluído. Também era ingerido misturado com outros ingredientes, em bebidas como o *mulsum* (mistura de vinho com mel) ou a *calda* (vinho, água e especiarias). A sociedade Romana atribuía ao vinho propriedades medicinais. Porém, outras bebidas assumiam um papel extremamente relevante na sociedade romana: as infusões e tisanas.

Serão degustadas as seguintes infusões e tisanas:

Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alivia problemas digestivos, tensão arterial baixa e depressão
Tomilho	<i>Thymus vulgaris</i>	Alivia problemas respiratórios, infeções e estados febris
Salvia	<i>Salvia officinalis</i>	Alivia problemas do sistema nervoso e tem ação diurética



II – Jardim do Império Romano

(por Sónia Talhé Azambuja e Ana Paula Gomes da Silva - UAIG)

Local: Canteiros

Identificação de plantas utilizadas pelos romanos na gastronomia, saúde e cosmética.

Os jardins do período do Império Romano (sécs. V a.C. – V d.C.) tinham várias funções nomeadamente de *hortus* (horto de plantas hortícolas, alimentares, aromáticas e medicinais), mas também lugar de recreio. O jardim romano era um repositório de plantas vindas de todo o Império Romano, que no seu auge no início do século II d. C., no tempo do Imperador Adriano, abrangia territórios geográficos que iam desde o Egito até à muralha de Adriano, na atual Inglaterra. O Imperador Adriano, nascido na Hispânia, foi o mentor da famosa *Villa Adriana*, Tivoli (Itália), uma das mais eruditas *villae* da Antiguidade Clássica, formada por sumptuosos jardins.

O jardim da *Villa* romana era tipicamente estruturado a partir do jardim do peristilo, que frequentemente tinha um tanque rodeado de canteiros com plantas como o loureiro, o folhado, o loendro, o medronheiro, a rosa, a hera, a camomila-romana, os amores-perfeitos, entre outras. O traçado dos jardins era geométrico, tendo por base uma estrutura ortogonal que se adaptava ao relevo existente. Os jardins romanos eram constituídos maioritariamente por plantas de folha persistente como alusão à eternidade, uma vez que as suas folhas permanecem verdes ao longo de todo o ano.

«Construir é colaborar com a terra; é pôr numa paisagem uma marca humana que a modificará para sempre [...] A *Villa* era o túmulo das viagens, o último acampamento do nómada, o equivalente, construído em mármore, das tendas e dos pavilhões dos príncipes da Ásia» in YOURCENAR, Marguerite - Memórias de Adriano. Lisboa: Editora Ulisseia, Lisboa, 1985, pp. 110-111.



Busto do Imperador Adriano (117-138 d.C.) *Cena de Jardim. c. 25-50 d.C. Pintura a descoberto na villa romana de Milreu em fresco, Casa da Bracelete de Ouro, Pompeia, 1966 e atualmente exposto no Museu Itália Municipal de Faro*

Através de uma parceria entre a FCT/UAlg, a DRCAIlg e o CCVAIlg foi elaborado em 2016 um projeto de plantação de quatro canteiros com plantas romanas, nas Ruínas da *Villa Romana* de Milreu, de autoria e coordenação das professoras arquitetas paisagistas Ana Paula Gomes da Silva e Sónia Talhé Azambuja, com o apoio de dois estagiários de arquitetura paisagista, André Tomás e Rúben Flores. A seleção das vinte cinco espécies de plantas [destacamos o *Laurus nobilis* (loureiro), *Punica granatum* (romãzeira), *Myrtus communis* (murta), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Crataegus monogyna* (pilriteiro), *Hedera helix* (hera), *Viola odorata* (violeta), entre outras] foi feita com base no tratado *De Materia Medica*, obra de referência com um elenco de cerca de 600 plantas medicinais, da autoria do médico greco-romano Dioscórides (fl. 50-70 d.C.); nas descrições de plantas tintureiras do tratado de Vitruvius (séc. I a.C.) intitulado *De Architectura*; nos estudos dos pólenes encontrados nas *villae* romanas, nas plantas representadas nos frescos romanos, nas descrições de jardins de autores do período greco-latino, na flora autóctone do Algarve, entre outras fontes.



III – Tinturas romanas

(por Emanuel Reis, CCVAlg)

Local: Junto ao ponto de água

Demonstração e explicação dos processos e princípios científicos associados

Os textos de Vitruvius e de Plínio, o Velho constituem fontes inestimáveis de informação sobre os materiais e os processos usados na produção dos pigmentos pelos romanos. Estes autores identificam os pigmentos usados à época por pintores e dão indicações importantes de como eram obtidos.

A púrpura foi um dos mais importantes e mais caros corantes da História, utilizados pelas elites até à queda de Constantinopla no século XV d.C..

Durante o Império Romano, apenas o imperador podia aparecer em público com um manto tingido de púrpura imperial. Aos senadores imperiais estaria reservado apenas o uso de uma barra púrpura na toga branca. No século I, Nero fez mesmo publicar um decreto que dava ao imperador o direito exclusivo da cor púrpura. Carlos Magno e restantes imperadores do Sacro Império Romano continuaram a usar a púrpura imperial enquanto os restantes reis europeus preferiam uma tonalidade mais azul, denominada púrpura real.

Nas vilas romanas de Casais Velhos, perto do Guincho, e Cerro da Vila, em Quarteira, a grande quantidade de conchas de *Murex* e os tanques encontrados levanta a hipótese de terem sido centros de produção de púrpura.

Outros corantes eram no entanto derivados de plantas tintureiras, utilizando-se ora as folhas ora as flores. Algumas plantas que se podem encontrar no canteiro romano em Milreu como o Mirtilo (*Vaccinium myrtillus L.*), o Manjaricão (*Ocimum basilicum L.*) e a Violeta (*Viola odorata L.*), permitiam obter cores variadas tais como roxo intenso, verde e azul.



Materiais utilizados para obter pigmentos para corantes:

1 – *Murex*

2 – *Indigofera tinctoria*

3 – *Rubia tinctorum*

Outro corante vegetal usado à época era proveniente das raízes da planta *Rubia Tinctorum* que permitiam tingir com cor vermelha.

Um importante corante na época romana era o índigo. Extraído da planta indiana *Indigofera tinctoria*, o Índigo era usado não só como pigmento, em pintura, mas também como corante, na indústria têxtil. O índigo, quando purificado, é um produto azul escuro insolúvel na água, álcool, éter e ácido clorídrico. Porém, na presença de bases, pode ser reduzido por diversos agentes redutores a leucoÍndigo (2,2'-diíndoxilo), solúvel, redução esta que constitui um passo fundamental no processo usado nas tinturarias. Com efeito, o corante é fixado pelas fibras têxteis na sua forma reduzida, sendo depois transformado em índigo, insolúvel, por oxidação ao ar. Importa registar que, em 1870, Baeyer e Emmerling conseguiram sintetizar pela primeira vez o índigo, a partir da isatina (indole-2,3-diona).

Grande parte dos corantes e pigmentos atualmente usados envolvem síntese química, havendo casos porém, como o E-120, que é obtido a partir de Cochonilhas, insetos originários do México mas trazidos pelos espanhóis para a Europa. Estes insetos alimentam-se da seiva das plantas, sendo por isso sobretudo considerados uma praga agrícola.

IV - Cosmética e higiene romanas

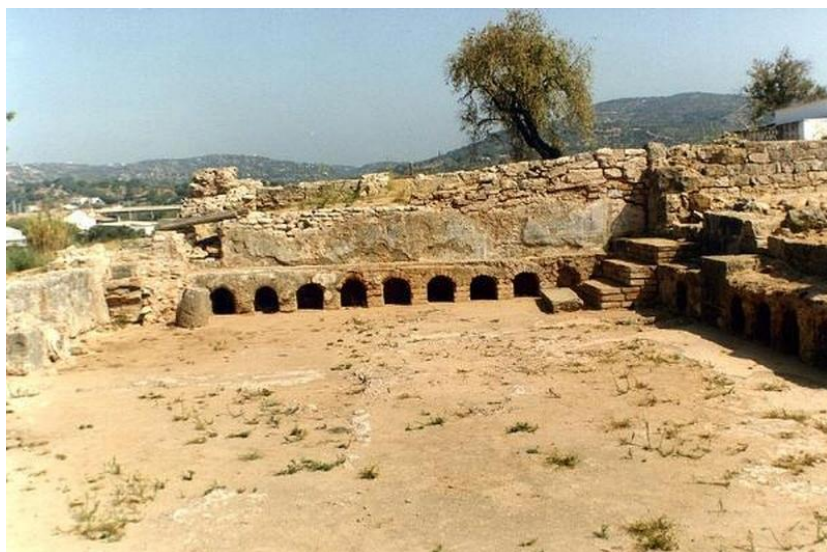
(Amadeu Brigas, UAlg)

Local: Casa Rural

Apresentação dos procedimentos e processos de produção de produtos com finalidades higiénicas e cosméticos típicos da época romana.

Os Romanos valorizavam muito a estética e a higiene, dedicando particular atenção aos seus cuidados pessoais. A limpeza corporal era essencial para garantir o bem-estar e uma vida saudável. O banho assumia uma grande importância e moldou fortemente o estilo de vida romano, que valorizava muito o corpo.

Para tal investiam grandes esforços na construção de instalações para banhos, que usavam não só com fins higiénicos, mas também de recreação. Nas ruínas da *Villa Romana de Milreu* sobressaem ainda hoje os vestígios das termas, sendo reconhecíveis as áreas do *Tepidarium*, do *Caldarium* e do *Frigidarium* embelezadas com mosaicos representando fauna marinha.



Termas romanas da Villa de Milreu (Foto: João Carvalho / Wikimedia Commons)

As substâncias empregues na água dos banhos podiam ser diversas. Era comum a adição de ervas ou infusões para aromatizar e potenciar os efeitos num banho.



Pintura retratando mulheres romanas tomando banho (Foto: Wikimedia Commons)

As romanas gostavam de peles claras, usando giz na pele para branqueá-la ainda mais; sobrancelhas espessas, passando carvão para melhor delineá-las; bochechas rosadas, com pétalas de rosa ou mesmo gotas de vinho; máscaras de rosto, utilizando misturas de óleos, sementes de erva-doce, suco de vinagre e manjeriço; perfumes feitos com flores, ervas e especiarias, muitas vezes junto aos cremes e máscaras.





Dias 1 e 2: “Do saber ao fazer”: uma bio-experiência romana:

Campus Ludi

(Ana Colaço - CCVAIlg)

Local: à volta da amendoeira

Área infanto-juvenil, para as crianças brincarem com atividades e jogos relacionados com o evento, com a ciência e com o estilo de vida romano.

A rotina diária de uma criança romana começava com o pequeno-almoço, constituído por pão acompanhado de outros ingredientes, que variavam em função do estatuto social da família. Do mesmo modo, toda a infância estava dependente não só da classe social, mas também do sexo. No que respeita à educação, esta era inicialmente assumida pela família. Com a ascensão do Império Romano, algumas crianças, essencialmente os meninos pertencentes a classes sociais privilegiadas, começaram a ser acompanhados por tutores particulares, com quem desenvolviam conhecimentos de áreas como matemática, geografia, arquitetura e religião. No entanto, este enfoque era menos corrente na educação das meninas, que ficavam muitas vezes em casa a apoiar as suas mães nos afazeres domésticos.

Em relação aos meninos das classes menos abastadas, que na sua maioria não podiam dispor de tempo integral para os estudos, era comum frequentarem escolas pagas durante parte do dia e ajudarem os pais no trabalho, durante o resto do dia.

Os jogos seriam das brincadeiras mais comuns entre as crianças romanas. Jogos de tabuleiro “riscados no chão”, semelhantes ao xadrez atual (exemplo do *Merellus* que apresentamos neste folheto), jogo das escondidas e jogos com bolas eram praticados nos tempos livres após o estudo.

Os rapazes construía espadas e escudos de madeira, assumindo os jogos de guerra grande popularidade entre estes, considerando a importância dada ao papel do guerreiro na sociedade Romana. As raparigas brincavam com bonecas feitas com materiais que facilmente encontravam em casa.

Merellus – Jogo do moinho



Nº de jogadores – 2

Material - 1 tabuleiro de jogo e 18 peças

(9 conchinhas para um jogador e 9 pedrinhas para o outro)

Objetivo do jogo – Reduzir o número de peças do adversário.

Regras – O jogo inicia com o tabuleiro vazio.

- À vez, cada jogador coloca uma peça nas “bolinhas” do tabuleiro, tentando colocar 3 peças em linha (vertical ou horizontal), para fazer um “moinho”.
- Depois de colocadas todas as peças, cada jogador, na sua vez, tenta fazer “3 em linha”, deslocando uma peça de cada vez para uma casa ao lado que esteja vazia.
- Sempre que um jogador faz “moinho”, pode retirar uma peça do adversário de cima do tabuleiro e guardá-la.
- Vence o jogo quem retirar mais peças ao adversário.



Bibliografia e fontes de informação:

Em suporte físico:

Adam, Jean-Pierre, *La Construcción Romana – materiales y técnicas* (trad. do original francês, *La Construction Romains- matériaux et techniques* de Cristina Carbajo), 2, Editorial de los ofícios, Léon, 2002, pp. 69-90.

Hauschild, Theodor e **Teichner**, Felix, *Roteiros da Arqueologia Portuguesa nº9: Milreu Ruínas*, Instituto Português Património Arquitectónico, Lisboa, 2002.

Maciel, M. Justino (Tradução, Introdução e Notas), *Vitrúvio – Tratado de Arquitectura*, IST Press, 2006.

Martins, Susana Calado, *A Cal na Tradição do Barrocal Algarvio. Contributo para o Estudo da Produção de Cal Artesanal*, Dissertação de Mestrado em História do Algarve, Universidade do Algarve, 2012.

Cabral, João; *História breve dos pigmentos III - Das artes gregas e romanas*. Boletim Quimica da Sociedade Portuguesa de Química, (também acessível em <http://www.spq.pt/magazines/BSPQ/606/article/3000999/pdf>)

Araujo, Ilídio - *Arte da Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal – Volume I*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Centro de Estudos de Urbanismo, 1962

Gothein, Marie-Luise — *History of Garden Art*. Nova Iorque: Dutton, 1928.

Font Quer, Pio – *Plantas Medicinales. El Dioscórides Renovado*, Tomos I, II e III. Barcelona: Editorial Labor, 1993.

Hauschild, Theodor – “A arquitectura e os mosaicos do “edifício de culto” ou “aula” da villa romana de Milreu”, Instituto Arqueológico Alemão, 2008

IPPAR - *Roteiros da Arqueologia Portuguesa Milreu Ruínas*. Lisboa: IPPAR, 2002.

Maciel, Justino – *Vitrúvio, Tratado de Arquitectura*. Lisboa: IST Press, 2006.

Moreira, José Marques - *Árvores e arbustos em Portugal*. Lisboa: Argumentum, 2008.

Pessoa, Fernando Santos, PINTO, José Rosa e ALEXADRE, José Rocha – *Plantas do Algarve com interesse ornamental*. Faro: Comissão do Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve/Edições Afrontamento, 2004

Pinto, José Rosa - *Flora do Algarve*. Faro: Universidade do Algarve, 2010

Romano, Anabela; GONÇALVES, Sandra – *Plantas silvestres comestíveis do Algarve*. Faro: Universidade do Algarve, 2015

Teichner, F. – “Acerca da vila romana de Milreu / Estoi: Continuidade da ocupação na época árabe, in *Arqueologia Medieval*, Mértola 3, 1994, pp. 89-100.

Na Web (sítios ativos em 1/9/2017):

<http://www.fcencias.com/2011/12/17/corante-e-120/>

<http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/29/6.pdf>

http://www.greekmedicine.net/hygiene/The_Greco-Roman_Bath.html

<http://arqueohistoria.com/la-higiene-y-aseo-de-los-romanos-5860>

<http://www.curiosityflux.com/2014/08/os-banhos-romanos-e-5-factos-sobre.html>

http://revistadae.com.br/artigos/artigo_edicao_29_n_1039.pdf

<http://ancienthistory.about.com/od/hygienebaths/a/102310-Hygiene-In-Ancient-Rome.htm>

<http://www.therthdimension.org/AncientRome/RomanFoodDrink/romanfooddrink.htm>

<http://www.redrampant.com/2009/07/roman-medical-herbs.html?m=1>

http://www.romanobritain.org/13_roman_medical/roman_herbs_and_medicines.html#.V9nDoJpX_CQ

http://www.fc.up.pt/fcup/contactos/teses/t_050370093.pdf

<http://aespa.revistas.csic.es/index.php/aespa/article/view/166/165>

<http://factsanddetails.com/world/cat56/sub369/item2070.html>

<http://www.legendsandchronicles.com/ancient-civilizations/ancient-rome/children-of-ancient-rome/>

<http://www.antrophistoria.com/2014/06/los-perfumes-y-los-unguentos-en-la.html>

<https://cronachefigli.com/wp-content/uploads/2016/12/Affresco-della-Casa-dei-Vettii-%E2%80%93-Pompei-%E2%80%93-Ciclo-di-lavorazione-degli-olii-profumati.jpg>

<http://www.saberfazer.org/research/2016/10/17/tingir-com-indigo-fresco>

<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rca/v31n2/v31n2a01.pdf>



Dias 1 e 2: “Do saber ao fazer”: uma bio-experiência romana:

Tabernae

Local: entrada no Núcleo Museológico

Mostra de produtos regionais típicos e/ou contemporâneos produzidos a partir de recursos naturais locais.



Agradecimentos:

O Centro Ciência Viva do Algarve agradece a colaboração das seguintes entidades:

- “Museu Regional do Algarve /Museu Municipal de Faro”, pela cedência da mó para a atividade “Processos de produção de ingredientes da gastronomia romana”



<http://www.cm-faro.pt/menu/215/museu-municipal-de-faro.aspx>

- “Saber Fazer”, pela consultoria na atividade “Tinturas romanas”



<http://www.saberfazer.org/>



Notas:





<http://www.cultalg.pt>



<http://www.ccvalg.pt>



<https://www.ualg.pt>



<http://barroca-culturaeturismo.pt>



<http://requinteturquesa.pt/>



<https://www.facebook.com/canastraestoi/>